

DIA MUNDIAL DOS POBRES – 14 DE NOVEMBRO

Durante todo o ano, mas neste dia em especial devemos ser alertados para a grande tragédia da pobreza em Portugal e no mundo. Pobreza que foi extraordinariamente agravada nesta pandemia que ainda perdura.

Sabemos que a Igreja em Portugal tem desenvolvido a sua acção sociocaritativa, de enorme importância, através de muitas estruturas, como são, por exemplo, as Conferências Vicentinas. Muitos milhares de pessoas voluntárias que prestam este grande e importante serviço de caridade para com os mais necessitados.

Não é novidade dizer-se que mais de 1,6 milhões de portugueses vivem abaixo do limiar da pobreza, entre idosos, desempregados, titulares de pensões de miséria, muitos dos quais a viver na rua...

Também a Caritas Portuguesa tem dado grande apoio a milhares de famílias em grande necessidade, bem como as IPSS e as Misericórdias cumprem este louvável serviço que muito contribui para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

O Papa Francisco vai encontrar-se com 500 pobres, em Assis, neste Dia Mundial dos Pobres e vai certamente abanar a consciência dos homens sobre esta miséria, dizendo que os pobres são a nossa porta para a

salvação. Eles são a esperança da Igreja e do próprio Papa. Jesus nos dia que podemos encontrá-l'O nos pobres.

Em Assis estarão não só moradores de rua que não têm abrigo, mas também uma variedade enorme de pessoas em situação de pobreza e dificuldade, e ainda crianças com graves deficiências.

É muito significativo ver que o Papa dos pobres vai à cidade do “Pobrezinho”, São Francisco, para se encontrar com uma multidão de pessoas em situação de pobreza.

Será possível que, perante esta situação, digamos que a culpa não é nossa e a responsabilidade é dos governos, e fiquemos descansados na nossa auto-suficiência.

Os cristãos, de modo especial, sabem que a caridade está no centro da vida cristã, sendo a síntese da espiritualidade evangélica. Porque não acaba nunca, a caridade anima as comunidades cristãs e dá visibilidade à Igreja.

Nas páginas do Novo Testamento, esta exigência de amor constante e universal constitui a grande norma da vida a da acção. Se não, vejamos:

- *“Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros(...) Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos”* (Jo 13,34-35). Este amor é o ponto de partida para uma prática permanente;
- *“A fé (...) se não tiver obras, está completamente morta”* (Tg 2,17). A fé é a adesão à pessoa de Jesus,

mas isto implica o amor aos irmãos, um amor prático e não fingido. É a concretização do amor que se tem para com os mais carenciados.

- ***“Faz isso e viverás”*** (Lc 10,28). O exemplo prático da caridade activa é a parábola do samaritano, do homem que, perante o outro homem caído, viu, parou, se aproximou, lhe cuidou das feridas, o levou à estalagem, pagou e se responsabilizou pelo futuro dele;
- ***“Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum”*** (Act 2,44). A experiência das primeiras comunidades cristãs era uma experiência de partilha, uma vez que todos punham os seus bens em comum, para a salvação total dos mais pobres.

Lendo estas páginas do Novo Testamento, concluimos que não basta a leitura da Palavra e o seu anúncio, não bastam as orações e as celebrações litúrgicas, não são suficientes as peregrinações e promessas. Para uma verdadeira comunidade cristã exige-se a atenção aos mais pobres e a solução dos seus problemas humanos. Esta comunhão de amor com o outro é o testemunho da comunhão de amor com o próprio Deus.

Por isso, Jesus disse: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes” (Mt 25,40).

António Costa Pires

O autor não segue o novo Acordo Ortográfico